

PIRATA E SEREIA

Não era para ela estar ali. (x2)

Ela percebeu um pouco tarde demais. Era um ilha pequena, isolada, cercada de corais, quase impossível de acessar: é claro que não era para humanos estarem ali. Ela não deveria sequer ter pisado na areia; mas se atrever à ir naquela caverna que sumia na maré cheia? Aquilo era abusar da gentileza do mar.

Ela percebia tarde demais todos os sinais de que aquele lugar não era para ela. (P)

E ali, no fim do caminho dos passos da sua ignorância, ela era confrontada com a figura que tornavam seus erros gritante como um navio encalhado perfurando a água com seu casco vazio e assombrado: uma sereia. Assustadora e impressionante.

O susto guiou a mão arisca da pirata até a espada; instinto de quem tivera que viver lutando. Sob a luz que vinha da entrada, a lâmina bruxuleava num brilho oleoso, bailando num par junto das garras finas e afiadas.

Lâmina, garras, pedras. Passos, areia, cauda. Gritos, dentes, espada. Falha. Cinto. Adaga. Rede de pesca.

Presa. Feroz. Sibilante. Contida. Pescada. (P)

Havia algo terrivelmente ameaçador nela. Não como uma violência, mas como a presença onipotente de um predador. Olhos adaptados para a escuridão, fileiras de dentes pontiagudos, serrilhados dentro da boca. A estranha combinação de nariz e guelras. As mãos membranosas, a pele coberta por muco. (P)

A pirata sabia o que era uma sereia, mas nunca achara que encontraria uma. Não sabia se deveria temê-la. Nunca temera tubarões ou Krakens. Nunca havia perturbado o mar. Sempre teve passagem segura e respeitosa pelo tapete iridescente que insistia em chamar de lar, apesar de todas as incertezas. O mar nunca havia recusado sua existência, como a terra fizera tantas e repetidas vezes. (P)

Agora sua relação com as águas se tornava agitada. Sua mão instintivamente no cabo da cimitarra comprada de ferreiras infames em lugares escusos. A lâmina banhada de óleo sussurrava que ambas isoladas da água, protegidas. Era uma mentira. Uma provocação. A criatura insistia em arranhar a rede, presas e garras à mostra. A pirata não sabia o quanto bestial era a sereia. Não queria cometer um erro ainda maior, desagradar mais o mar, matar um de seus filhos. Não depois de tanto desrespeito até ali. (P)

Sua mão, na empunhadura da espada, escorregou pela decoração madrepérola que percorria todo exterior até a bainha. As gotas de conchas. O chão do mar. A promessa que sua terra natal era a água. Ela confiava no mar mais que os portos mais seguros. Eram o único lugar que permitiu que ela existisse, que ela vivesse. Olhou para a criatura como um tubarão. Já nadaram com tubarões antes, nunca a atacaram. A criatura parecia

hostil, mas estava amarrada. A pirata lembrou de si, reativa as amarras que foram a vida que ela rejeitara, era natural que se rejeitasse amarras. A sereia não havia feito nada que não reagir em defesa própria. A pirata suspirou. Tomando coragem. (P)

Deslizou os dedos pela decoração madrepérola que percorria toda a empunhadura. As gotas de conchas. O chão do mar. A promessa de que sua terra natal sempre seria a água. Ela confiava no mar mais do que nos portos mais seguros. Era o único lugar que permitira que ela existisse, que vivesse. Olhou para a criatura como para um tubarão. Já nadara com tubarões antes: nunca a atacaram. A criatura parecia hostil, mas estava amarrada. A pirata lembrou de si, reativa as amarras que foram a vida que ela rejeitara. Era natural que se rejeitasse amarras. A sereia não havia feito nada que não reagir em defesa própria.

A pirata suspirou. Tomando coragem. (P)

A criatura se portou de um jeito surpreendentemente gentil. Não era um animal, embora parecesse animalesca.

A verdade é que sereias tinham pouco interesse em pessoas. Os gostos terrestres eram estranhos na boca. Anormais. Os corpos, pouco naturais. Tudo parecia errado neles. Não respiravam embaixo d'água, precisavam de fogo para se alimentar... A sereia já os vira nas praias. Com frequência afundavam. Pareciam errados em sua totalidade. Mesmo seu sabor parecia contaminado. Eram no máximo problemáticos; com frequência, violentos. Ela sabia que humanos eram violentos, e mesmo assim demorara para reagir. Ela não deveria estar ali. (S)

Quando a sereia a viu, mal teve tempo de manter longe de si o metal humano. Não conseguia atacar. Morreria por um erro que tantos outros iguais cometeram: não estar atenta. Isso, até a criatura tentar falar. Estranha, acanhada, temerosa. O metal de volta à sua pele de madeira. Como poderia um humano não matar? (S)

Havia decidido atacar quando tivesse a chance. Mas medo é uma linguagem universal. A sereia conhecia aquele olhar. Havia algo terrivelmente ameaçador nela. Não como uma violência, mas como a presença de um predador assustado. Mesmo assim, contra todos os instintos, a criatura estava tentando se aproximar. Com seu estranho couro humano visivelmente arrepiado, a pupila dilatada, as mãos tremendo. (S)

A sereia suspirou. Era ter coração demais que a mataria, ela pensou, repreendendo-se. Ela decidiu tentar. Juntou coragem para dar uma chance aquela criatura feroz e violenta, que também estava tentando. (S)

Quando a pirata invadira a caverna onde a sereia descansava, tantos anos atrás, ela achou que morreria ali. Foi uma supresa. Ali, naquela criatura estranha e desconhecida, não havia morte: havia amor. (x2)

Apesar do corpo estranho, dos olhos anormais que não viam no escuro e ardiam na água, dos dentes retos pouco eficientes, das armas ferais de metal afiado... Havia beleza. Havia carinho. Havia permissão.

Com o tempo aquela criatura tornou-se linda. Mesmo com os dedos sem membrana, mesmo com a pele descamada, com os dentes terríveis em rasgar carne, com a pele folgada que amassava e cobria o corpo sem pertencer a ele. Mesmo com aquele boca lindamente pequena, que não abria quase nada. Mesmo com os braços sem nadadeiras, com as orelhas que pareciam uma concha encaracolada, com as correntes e penachos decorando o corpo. (S)

Apesar do corpo estranho, dos olhos anormalmente grandes feitos para ver no escuro e na água, dos dentes serrilhados em fileiras, das garras ferais afiadas... Havia beleza. Havia carinho. Havia permissão.

Com o tempo aquela criatura tornou-se linda. Mesmo com as membranas nos dedos, com a pele escamada, com dentes terríveis que rasgavam carne, com a pequena camada escorregadia de muco que lhe cobria o corpo. Mesmo com aquela boca lindamente grande, que se abria até o meio da bochecha. Mesmo com as nadadeiras nos braços, com as orelhas que pareciam corais, com as pérolas decorando a face. (P)

Ela era extraordinária. Perfeita exatamente do jeito que era, tão magicamente maravilhosa. Era o amor que nunca imaginara que teria, a melhor surpresa que o mar lhe dera.

Ela era felicidade. (x2)